

Os possíveis deslumbramentos: uma resenha de *Disritmia*, de Ronald Lincoln

*The possible dazzlements: a review of Disritmia, by Ronald
Lincoln*

Mateus Baldi

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

mateus_pinheirob@hotmail.com

<https://orcid.org/0009-0000-5305-3059>

LINCOLN, Ronald. *Disritmia*. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

No primeiro conto de *Disritmia* (2022), livro de estreia de Ronald Lincoln, a diretora de um Ciep decide proteger um dos alunos durante um tiroteio. Jessé está sendo perseguido pelos homens do coronel Marchz, e encontra na escola um refúgio. O fato de estar matriculado ali apenas aumenta a dupla tensão – a busca policial e o dever que Rosana se sente inspirada a cumprir: “Ele não é aluno? Não está matriculado? Dentro desta escola ninguém vai encostar nesse menino” (LINCOLN, 2022, p. 11). A resolução desemboca em algo excessivamente triunfal, com Rosana sendo presa para garantir que o menino não sofra, mas as bases do que o autor propõe para as outras 15 histórias está lançada.

Criado na favela do Jacarezinho, Ronald Lincoln é jornalista e tem incursões pelo roteiro, algo que salta aos olhos na construção dos contos. É frequente que o leitor se depare com idas e vindas, camadas narrativas e fluxos temporais descontínuos em tramas que não se limitam a trazer o cotidiano das favelas o Rio de Janeiro; antes, iluminam o que parecia oculto nas sombras.

Herdeiro direto do caminho aberto por Paulo Lins com a publicação de *Cidade de Deus* em 1997 – o conto *Berenice*, posterior a *Disritmia* e publicado em 2023 na coleção de plaquetes *Aqui + Agora*, se hospeda no romance de 1997 –, Ronald Lincoln rejeita o uso banal da violência. Movimento semelhante vem sendo feito, no plano carioca, por seus pares Geovani Martins e Jessé Andarilho, autores das duplas *O sol na cabeça* (2018)

e *Via Ápia* (2022) e *Fiel* (2014) e *Efetivo variável* (2017), respectivamente. Curioso notar, nesta associação, como Lincoln desenvolve sua escrita na mesma toada paradigmática daquilo que cada um tem de melhor; noventa e fora a oralidade – estrondosa nos três, capaz de transportar quem os lê para o centro nervoso do Rio de Janeiro sem prejuízo de absoluta compreensão –, em *Disritmia* temos de semelhante a Martins e Andarilho o olhar arguto para as interações sociais, equilibrando-as com rara candura, ao passo que há certa compaixão no trato da vida adolescente ou jovem adulta em histórias como “Jogador caro” e “Sem tempo para homem”, por exemplo.

Leia-se aqui o uso do termo “compaixão” como algo positivo, que não desfaz a trama de possibilidades que a violência corrupta do Estado tenta impor a todo momento. Daí a beleza de “Nego gosta de chocolate no frio”, cujo título espirituoso antecipa uma forma de bailado social capaz de reivindicar um novo tratamento para tudo que está à margem das classes privilegiadas. Na batalha cotidiana dita ao pé do ouvido, em que a política mais baixa serve de alavanca para o bom-humor e o triunfo do protagonista, se inscreve na literatura uma periferia que não tem medo de se assumir como tal, sem, contudo, adentrar os estereótipos que a narrativa urbana do século XX forçou em relação ao morro.

Por sua vez, é difícil, ao se deparar com “Imperatriz furiosa”, não se lembrar do “Feliz ano novo” de Rubem Fonseca. Se em 1975 moradores da Cruzada São Sebastião invadiam o ano novo de milionários e promoviam uma chacina, agora a invasão se dá em termos simbólicos e a chacina se converte em refinada tensão coroada pelo ritmo do samba: Melissa, passista que luta para criar a filha, é assediada durante uma apresentação num casamento, disparando uma série de questões de classe que se resolvem de maneira muito distinta da barbárie vislumbrada por Fonseca.

Na leitura do autor mineiro radicado no Rio, o crítico Silviano Santiago apontou que haveria em seu mundo personagens que resolveram “fazer o jogo das aparências na sociedade burguesa”, que acaba por reprimir o “grito solitário, que transborda em revolta e desespero, gerando um desejo sádico (mas nunca ‘gratuito’, no sentido gideano) de violência” (SANTIAGO, 1982, p. 63). Ao lermos Ronald Lincoln, a impressão é que a violência sequer existe como desejo. Trata-se de uma circunstância tão natural quanto o ar que se respira numa viela.

Em Fonseca, a perpetuação da violência — simbolizada pelo estupro, pelos tiros, pelos “jogos” dos criminosos — não reparava nada e era o único meio de garantir que uma “retribuição” pudesse ser levada a cabo; em “Imperatriz Furiosa”, ao ser vítima da violência, Melissa aplica a retribuição atingindo o que supõe ser mais caro aos ricos, e consegue uma pequena reparação, por menor que seja, um “adicional de insalubridade”, como classifica o amigo Mauro (LINCOLN, 2022, p.48).

Essa mudança de tratamento, de paradigma da violência, é uma das linhas de força de *Disritmia*. Eis, portanto, o motor do impacto que uma história do porte de “Como nascem as estrelas” é capaz de provocar. Duas crianças, Romário e Giovana, chegam em casa após o último dia do ano letivo e um tiroteio, no qual o fuzil G3 “gargalha”, irrompe “bem perto da intransponível fronteira de alumínio do portão da frente” (Idem, p. 66). Sem a mãe, cabe ao menino ser o homem da casa, embora deseje que ela os proteja. É nessa função que, do alto dos seus nove anos, vai proteger a irmã. Não são tiros, ele consola Giovana, são estrelas nascendo. A partir daí, tem-se um fio a partir do qual, no olhar infantil, Lincoln aprisiona o horror do tiroteio e liberta um gesto de fábula, com singeleza brutal, capaz de abrir novos – e frescos – olhares não somente para o cotidiano da violência pura e simples nas favelas cariocas, mas dos papéis de gênero e as obrigações que se impõem tão cedo, invadindo o contaminado o território da infância e borrando fronteiras.

Não espanta encontrarmos também uma ficção científica com motivo de viagem no tempo – “Teoria da relatividade”. São apenas quatro páginas, mas manejar o afrofuturismo no contexto de uma invasão a outra comunidade revela-se uma escolha acertada: sai o relato puramente criminal, com ares de narrativa de gangsteres, e entra uma perspectiva cuja oxigenação não cessa de romper as expectativas uma vez que nos contos de *Disritmia* os tropos mais comuns da literatura sobre favelas e periferias são derrubados um a um.

É desse espírito narrativo que brota uma focalização capaz de remeter às palavras de Roberto Schwarz sobre *Cidade de Deus* e as novas dinâmicas impostas pelo crime: no interior da chegada do tráfico de drogas e de suas “exigências sem perdão, a alegria da vida popular e o próprio esplendor da paisagem carioca tendem a desaparecer num pesadelo” (SCHWARZ, 1999, p. 171). Em *Disritmia*, a paisagem não existe como índice auspicioso no sentido em que a Zona Sul cristalizou, mas a energia do Maracanã lotado,

com Flamengo e Vasco fazendo uma rinha de cânticos (LINCOLN, 2022, p.55), poderia servir como tal. Em outras palavras, mesmo com as sucessivas mudanças de perspectiva – não nos esqueçamos de que é uma cidade também assolada pelo fortalecimento das milícias –, ainda há alguma chance de driblar o que se convencionou por destino.

Ao passo que esta literatura contemporânea que trata das periferias cariocas torna cada vez mais claro que a cidade não é e não pode ser aquilo que se vê do Pão de Açúcar, como atestava o advogado Mandrake de Rubem Fonseca em 1969 (FONSECA, 2009, p. 63), faz sentido que certa quebra de expectativas venha acompanhada de uma reflexão sobre o entorno mais próximo das elites. Assim, um conto como “Nunca precisaram tanto de mim”, embora caricato em aspectos como a fala dos policiais que batem num apartamento de elite, aguça a percepção de que Lincoln construiu um projeto literário capaz de extrair das contradições o que há de mais caro nelas: a tensão entre um polo e outro. Ao ver seu patrão preso numa operação policial, com agudo contraste em relação àquela do primeiro conto, a empregada doméstica Miriam vaticina a frase-título. É uma inversão direta do ponto de vista dir-se-ia comum – a queda da elite vista de cima, dissecando suas agruras –, e ilustra o mecanismo que permite a seu autor se mover pelos novos olhares que mencionamos acima.

No saldo final, pois, *Disritmia* é o encontro feliz de um autor com imaginação prodigiosa e seu tempo, decifrado com rara liberdade, deixando para trás uma série de visões que se tornaram bambas. Ao refazer uma trama há muito esgarçada, Ronald Lincoln ilumina os nós que ainda permanecem e desata outros tantos, abrindo respiradouros que se coadunam com um movimento que vem sendo estabelecido, no plano carioca, por seus pares Geovani Martins e Jessé Andarilho: um novo paradigma para falar de uma cidade que finge não ver os possíveis deslumbramentos em meio ao que só parece mergulhado em profundo horror.

REFERÊNCIAS

ANDARILHO, Jessé. *Efetivo variável*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.

ANDARILHO, Jessé. *Fiel*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

- FONSECA, Rubem. *Feliz ano novo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- FONSECA, Rubem. *Lúcia McCartney*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- LINCOLN, Ronald. *Berenice*. Rio de Janeiro: Janela + Mapa Lab, 2023.
- LINCOLN, Ronald. *Disritmia*. Rio de Janeiro: Malê, 2022.
- MARTINS, Geovani. *O sol na cabeça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- MARTINS, Geovani. *Via Ápia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Recebido em: 16/12/2024

Aceito em: 17/03/2025

Mateus Baldi: é doutoranda em Letras no Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PUC-Rio/CNPq). É autora dos livros de contos “Os anos de vidro” (Nós, 2025) e “Formigas no paraíso” (Faria e Silva, 2022), e organizadora da antologia “Vivo muito vivo: 15 contos inspirados nas canções de Caetano Veloso” (José Olympio, 2022).